

CARLOS ESTERMANN, c.s.sp.

Aculturação Linguística no Sul  
de Angola

Separata de «Portugal em África» — N.º 115

LISBOA

1 9 6 3

# Aculturação Linguística no Sul de Angola

CARLOS ESTERMANN, c. s. sp.



## I — Considerações genéricas

A interpenetração de duas ou mais línguas, cujos sujeitos vivem em contacto prolongado, é um fenómeno tão antigo como a humanidade. Tão pouco existem línguas puras como existem raças puras.

Duas línguas em convivência introduzem mutuamente elementos uma da outra, fecundando-se, por assim dizer, reciprocamente. Mas esta influência mútua raras vezes se dará no mesmo grau para ambos os idiomas. É mais frequente um deles desempenhar um papel preponderante em relação ao outro. Dá-se este fenómeno quando, uma das línguas é escrita e possui já obras literárias de vulto e a outra não passou ainda da fase oral. A primeira não deixará de exercer uma influência dominante e isto mesmo quando o povo que <sup>4</sup>fala constitui uma *minoría* em relação ao outro ou ficou militar e politicamente subjugado pelo mais primitivo.

Para ilustrar este fenómeno temos o exemplo clássico do que aconteceu com a invasão dos povos germânicos no Império Romano, especialmente na ocupação da Gália pelos Francos. O latim popular tinha então já suplantado em toda a parte, sobretudo nas cidades e vilas o céltico do tempo de Júlio César; veio a ser rapidamente língua escrita, transformando-se pouco a pouco fonética e gramaticalmente até se tornar a língua neo-latina que é o Francês. Mas ainda assim o Germânico não passou sem deixar vestígios no falar dos franceses, onde se encontram umas centenas de vocábulos de origem teutónica. Um dos mais conhecidos é a palavra «*guerre*» que existe também em português proveniente do germânico *Wehr*, termo que em alemão moderno significa defesa.

Processo semelhante ao que se deu na Gália, se verifica também na Peínsula Ibérica com a invasão dos Visigodos e Suevos. Mas nesta vasta região o que deixou marca mais profunda no falar dos espanhóis e portugueses foi o Árabe. Isto não é de estranhar pois a ocupação moura durou séculos. Faltam-nos conhecimentos suficientes para podermos indi-

car concretamente o substracto desta influência. Os filólogos saberão dizer a quantos ascendem os vocábulos portugueses que devem a sua origem à língua dos ocupadores.

## II — Penetração do Português nas línguas Bantas do sul de Angola

Nos casos de interpenetração até agora referidos, trata-se de duas línguas indo-europeias ou de uma desta família com uma semítica.

Vamos agora considerar um fenómeno recente cujo processo evolutivo ainda não terminou que é a influência do português nas línguas bantas do sul de Angola. Neste pequeno estudo consideramos especialmente dois destes idiomas: o falado pelos Nhanecas-Humbis, o chamado nhaneca e o cuanhama.

É de notar que a penetração do português supera sobretudo na parte que diz respeito ao vocabulário e muito menos no concernente à estrutura gramatical. É claro que para ser aceite no falar dos Bantos a palavra portuguesa tem que se despir dos elementos que não condizem com a fonética do falar dos indígenas; numa palavra: tem que adaptar-se foneticamente. Bom é salientar aqui que a língua portuguesa, bastante eufónica, amolda-se ao banto muito mais facilmente que o francês e as línguas germânicas. Isto é tão verdadeiro que dicionários bantos editados por franceses ou alemães cujos autores desconhecem o português, registam como autenticamente bantos vocábulos portugueses aos quais os pretos fizeram apenas sofrer uma ligeira modificação fonética. Não resistimos à tentação de citar aqui alguns vocábulos transcritos no Dicionário Cuanhama-Alemão, editado pelo missionário H. Tönjes: *ombasia*-bacia, *osapeu*-chapéu, que vem traduzido como significando um boné; *olima-lima*, *ondyolo*-anzol, etc..

Mas apesar de uma certa afinidade quanto à fonética é bom não esquecer as grandes divergências que separam os dois idiomas. Para melhor compreensão do que se segue torna-se indispensável o leitor tomar conhecimento das principais leis fonéticas que regem as línguas bantas do sul e ter uma noção da transcrição fonética dos vocábulos indígenas. Sem se fazer uma ideia desta última exigência, não será possível apreciar devidamente a transformação que a incorporação de um vocábulo português no idioma indígena faz sofrer ao dito fonema.

### Regras de eufonia:

- 1 — Nunca se seguem duas consoantes sem se intercalar uma vogal.  
Nesta regra as nasais *n* e *m* não contam como consoantes.
- 2 — A letra *r* não existe e é representada por *l*.
- 3 — O *s* é sempre sibilante, mesmo entre duas vogais.
- 4 — Há certos equivalentes fonéticos constantes como  $l = nd$  e  $v = mb$ .
- 5 — Não existem sons semi-mudos.

palatalização

Quanto à transcrição fonética deve observar-se o seguinte: o princípio básico é este: cada letra representa sempre o mesmo som. Por conseguinte *o* pronuncia-se sempre *ó*, *u* sempre *u*. O *u* e o *i* final não alteram o acento da palavra que em geral é grave. O *h* exprime sempre uma aspiração e não pode servir para indicar a ~~paralização~~ de uma consoante como por exemplo *lh* ou *nh*. *W* e *y* são semi-vogais, servindo a última letra também para sinal de palatalização: *ndyi*, *nyi*, *tyi*.

É natural que os primeiros vocábulos a serem introduzidos no falar dos Bantos fossem aqueles que representam conceitos ou objectos inexistentes na civilização primitiva, mais objectos do que conceitos, pois o concreto sobreleva consideravelmente o abstracto.

Para designar objectos novos poucas vezes os nossos pretos puderam recorrer a um processo entre eles muito usado, que é a onomatopeia. (grande parte dos nomes de aves são onomatopaicos) pois estes objectos pertencem quase exclusivamente à classe dos seres inanimados. Ainda assim, temos o caso de um objecto sem vida, mas que não deixa de emitir um som ter sido designado por esta maneira de proceder. Trata-se do automóvel. Para os nossos indígenas o som que eles distinguem quando o motor trabalha ao «ralenti» é o de *túku-túku*. Basta prefixar este som para o fonema entrar na classe dos substantivos. Fizeram isto por duas maneiras: antepondo um *e* ou um *otyi*. A primeira partícula prefixal exprime a ideia de uma coisa espantosa e a segunda a de uma coisa desconforme. Assim, *automóvel* significa coisa espantosa ou desconforme que faz *túku-túku*.

O leitor não terá lido o que acabamos de escrever sem ter tomado nota da questão do prefixo, chamado prefixo classificador. Com efeito é uma característica das línguas bantas os substantivos serem prefixados por partículas que os colocam numas oito ou nove classes diferentes. Estes prefixos existem nas formas singular e plural. Acontece que o prefixo habitual de um vocábulo fica substituído por um de uma classe diferente conferindo este procedimento como um segundo sentido particular ao termo. Daremos exemplos mais adiante deste modo de proceder.

Antes de começar a estabelecer uma lista de palavras já «aclimatadas» ao banto do sul de Angola, convém fazer mais uma observação. Transcrevemos os vocábulos na fonética banta integral, quer dizer, observando as regras com todo o rigor. Dizemos assim para prevenir surpresas. Poi pode acontecer que um ou outro leitor mais interessado no assunto queira tirar a prova das nossas indicações e vá fazer repetir a indígenas um ou outro termo aqui referido. Pode muito bem ser que, fazendo assim, ele chegue a resultados diferentes dos aqui expostos. A explicação de possíveis diferenças é simples. Há bastantes pretos falando já razoavelmente bem português que dão aos vocábulos de origem portuguesa uma pronúncia intermediária: nem bem à portuguesa nem bem

à indígena. Encontram-se mesmo janotas capazes de aporuguesar sons estranhos ao português numa autêntica palavra banta.

Dito isto, vamos dar um certo número de vocábulos que fazem já parte integrante do património das línguas bantas do sul de Angola. Na transcrição separamos o prefixo do radical.

Começemos por palavras que sofreram somente leve transformação fonética. Além das já mencionadas do dicionário cuanhama:

<i>o-ndona</i>	senhora
<i>o-sela</i>	serra
<i>o-lekwa</i>	régua
<i>o-pandiola</i>	padiola
<i>o-mbalili</i>	barril
<i>o-lôpa</i>	roupa
<i>o-vela</i>	vela
<i>o-jofo</i>	fósforo
<i>o-ndyabao</i>	sabão
<i>o-sambonete</i>	sabonete
<i>o-kanivete</i>	canivete, navalha

Estes dois últimos termos são empregados como nomes próprios pessoais, sobretudo nas tribos quipungo, handa, quilengues-humbi. O mesmo acontece com os termos fivela e colete, mas estes tomam em geral o prefixo diminutivo *Ka* fazendo: *Kafivela* e *Kakulete*. *Ongwiya* significa tanto agulha de costura como agulha de caminho de ferro. Neste último sentido tornou-se topónimo, designando Vila Arriaga como sendo terra de agulhas (na estação de caminho de ferro).

Incluamos agora alguns termos introduzidos na terminologia cristã:

<i>oku-komungala</i>	comungar
<i>o-ngalasa</i>	graça
<i>o-sakalamendu</i>	sacramento
<i>o-mbatisimu</i>	batismo
<i>o-kofisfao</i>	confissão
<i>oka-listia</i>	encomenda
<i>o-komunyao</i>	comunhão
<i>o-kasamendu</i>	casamento

Este termo emprega-se exclusivamente para o casamento cristão. Dos substantivos ora referidos formam-se os verbos correspondentes:

<i>oku-mbatisala</i>	baptizar
» <i>kofesala</i>	confessar
» <i>komungala</i>	comungar
» <i>kasala</i>	casar

Do mesmo modo temos o verbo *oku-lesala-rezar*.

Convém notar que nesta composição a partícula *oku* representa o prefixo do modo infinito dos verbos. Para obter a voz passiva dos mesmos basta intercalar um *W* antes do *a* final: *oku-mbatalwa-ser* baptizado.

Voltemos aos termos profanos. Menino e menina deviam ter logicamente: *o-meninu* e *o-menina*. Mas só no segundo caso assim se procedeu. Para o primeiro alteraram o prefixo para significar a diferença de atitude entre uma rapariga branca e um rapaz da mesma raça. Acharam que este último não merecia entrar na mesma classe que uma rapariga e por isso collocaram o prefixo depreciativo *otyi*, formando: *otyi-meninu*, como para exprimir a ideia: diabo de rapaz.

Coisa semelhante se deu com o termo *otyi-koloniu* ou *kolonia* derivado do português colono ou colónia. Os pretos do planalto da Huila designaram desta maneira os colonos madeirenses, distinguindo-os depreciativamente dos outros brancos. Transparece neste fenómeno linguístico algo de desprezo que o homem preto, sobretudo o que pertence a uma tribo de povos pastoris mostrava e mostra ainda em parte para com o trabalho manual, especialmente agrícola. Coisa curiosa: este termo bantizado sofreu uma reconversão para o português sob a forma corrupta de *chicronha* que designa um descendente de colonos madeirense ou um sentido mais alto um branco oriundo de Sá da Bandeira ou arredores.

Citemos agora alguns vocábulos cuja etimologia parece apresentar certa dificuldade, especialmente quando eles se encontram no plural. São palavras cujas sílabas iniciais são idênticas a um prefixo dissilábico das línguas bantas e por isso os pretos interpretam-nas como tal. Assim carroça vem a ser *oka-losa*, caixote *oka-sote*. Ora o plural de *oka* é *ou*. Por conseguinte temos: *ou-losa-carroças* e *ou-sote-caixotes*. Na sua ignorância, os nossos indígenas não têm a consciência de praticar uma violência degolando palavras indefesas. É especialmente no Cuanhama que ouvimos estes termos que podem pois considerar-se correntes naquela região. É de notar ainda que o caixote de vinho do Porto vazio é um utensílio muito importante porque serve de medida de capacidade nas transacções de cereais, particularmente quando se trata da compra deste aos indígenas. Anos atrás os negociantes serviram-se para este efeito de preferência de latas de gazolina (*o-lata*). Mas como este carburante já não se vende nestas vasilhas, recorreu-se novamente ao velho caixote.

Semelhante processo se deu com a adaptação banta do termo quintal: o *qui* (*ki*) é todo por prefixo, mas nas línguas do sul a equivalência de *ki* é *tyi* ou *si* ou *otyi* e *osi*. Desta forma obteve-se o singular: *otyi-tali* e o plural *ovi-tali*. Menos complicada, embora pareça o contrário, é a etimologia do termo *o-sapalalo*, debaixo do qual se esconde o étimo português sobrado, termo que os pretos empregam para uma casa de primeiro andar, qualquer que seja o seu piso. A formação do vocábulo é esta: *so* vem a ser *sa* (confusão fácil), *b* transforma-se em *p*, quer dizer, a

consoante sonora em muda, o que é também um processo frequente. O *p* tinha de ser seguido por outra vogal, idêntica à antecedente: *sa-pa*; o *r* muda para *l* seguido do *a*: *sa-pa-la*. O *d* transforma-se em *l* segundo uma regra já mencionada. Desta forma temos *sapalalo*. O *o* final é geralmente pronunciado *ó* e não *u*. Acrescente-se que este vocábulo é empregado também como nome próprio pessoal.

A palavra *ovi-ndululu* para designar o carnaval, não pode vir senão do termo português entrudo. O vocábulo derivado significa no singular um dançarino de carnaval. No plural a palavra exprime o sentido de cortejo de dançarinos e também dos festejos carnavalescos. A transformação do fonema foi esta: o *e* foi substituído por *otyi* ou *ovi* por conveniência psicológica. O *t* cedeu o lugar ao equivalente *nd*; segue-se normalmente o *u*; *ovi-ndu*; o *d* seguinte transforma-se em *l*, seguido do *o* pronunciado *u*: *ovi-ndulu*. A repetição da última sílaba serve para acentuar mais a ideia de se tratar de coisa engraçada, divertida.

Deixamos para o fim um termo muito usado numa vasta região da área linguística banta que designa o adversário de Deus, o demónio. Queremos referir-nos ao étimo *e-lapu*. Como se vê, reveste uma aparência autenticamente banta. E tanto assim é que já o vimos citado numa obra de estudos comparativos das línguas bantas, como vocábulo de não duvidosa origem africana e como tal enfileirado numa série de outros, para ilustrar um fenómeno linguístico. (Infelizmente já não nos lembramos do título da obra, recordando-nos apenas do nome do autor: Johnston). Ora aqui também as aparências iludem. *Eliapu* é a forma bantoizada do português diabo. A bantoização mais simples deste termo seria *o-ndiambu*. Mas procedendo assim, olhava-se mais à letra do que ao espírito. Pois o prefixo *o* não pode convir para classificar este ente maldito, tinha que ser *e*, exprimindo a ideia de uma coisa espantosa e monstruosa. Ora substituindo o *o* pelo *e*, já não se pode fazer seguir o *nd*. Este transforma-se em *l* conforme a regra fonética conhecida: *e-li*. *B* sonoro vem a ser *p* mudo. Falta o *o* final pronunciado *u*: *e-liapu*. Ainda quanto à inconveniência psicológica da prefixação com *o*, lembremos um fenómeno paralelo. Na literatura cristã introduziu-se também a palavra demónio. Segundo a fonética, teríamos: *o-ndemóniu*. Mas não; o termo traz o prefixo *otyi* que é depreciativo como já vimos: *otyi-ndemoniu*.

### III — Termos bantos aportuguesados

Terminando esta exemplificação de termos portugueses que já ganharam foros de cidade nas línguas bantas do sul de Angola, surge naturalmente a pergunta: e a língua lusitana não se terá deixado influenciar, contaminar também neste contacto constante com o falar dos nativos? Quem estiver um pouco que seja a par dos problemas linguísticos sabe que a resposta a esta interrogação é afirmativa, sobretudo se considerar-





mos uma área mais vasta do que o sul de Angola. Não querendo já referir-nos a autores como Cadornega que aportuguesaram um grande número de substantivos e verbos do quimbundo, podemos afirmar que umas dezenas de vocábulos bantos já conquistaram direitos de cidadania em português, como atesta o facto de se encontrarem registados nos dicionários. Outros entraram já tanto no uso corrente que é de esperar num futuro próximo gozarão de igual regalia.

Da primeira categoria mencionamos os seguintes: *palanca* e *gunga*, nomes de dois antílopes; *funante*, (de raiz verbal *funa* com o significado de procurar, calar, negociar): negociante ambulante do mato. Num sentido quase idêntico: *pombeiro* (devia ser pumbeiro) da raiz verbal *pumba*, aviar; *sanzala*; aglomeração de pretos, etc.

### Conclusão

Ao terminar este pequeno estudo é lícito perguntarmo-nos qual será o futuro do fenómeno da aculturação linguística ora descrita. É de prever que nas próximas décadas se vá intensificando a interpenetração das duas línguas, ao mesmo tempo que se acentuará um progressivo esquecimento do autêntico falar antigo dos nativos. Por isso mesmo se pode afirmar desde já que nenhum idioma banto falado em Angola ascenderá a língua escrita com literatura própria. Aliás este fenómeno não é especial à região de que nos ocupamos neste momento. Nos novos estados africanos formados depois de descolonização, à excepção talvez de Madagascar, não consta que haja uma só língua indígena que tenha evoluído no sentido indicado. É possível que o Suaheli da África Oriental seja um caso diferente. Aí já há muito que este idioma ascendeu à categoria de língua franca. Mas mesmo para ele, o êxito final é duvidoso, uma vez que entrou em concorrência aberta com o inglês, a língua mais falada no mundo.

### BIBLIOGRAFIA

CADORNEGA, ANTÓNIO DE OLIVEIRA DE — *História Geral das Guerras Angolanas*, 3 vols., Lisboa, 1940-1942.

ESTERMANN, P. CARLOS — *A Terminologia Cristã na Diocese de Nova Lisboa*. «Portugal em África». Revista de Cultura Missionária. Lisboa. 1951. Vol. XIII. N.º 48. Novembro-Dezembro. pp. 358-364.

TÖNJES, H. — *Wörterbuch der Ovambo-Sprache Osikwanjama-Deutsch*, Berlin, 1910.

ARQUIVO LARCA



SADEB.

998  
AB-05-Cx12